



DOSSIÊ MASCULINIDADES NOS ESPAÇOS-TEMPOS EDUCACIONAIS

UMA CONVERSA COM OSMUNDO PINHO SOBRE MASCULINIDADES NEGRAS

Paulo Melgaço da Silva Junior¹

Leandro Teófilo de Brito²

Dilton Ribeiro Couto Junior³

Em nossa conversa com Osmundo Pinho⁴ abordamos o quanto os estudos sobre masculinidades têm sido fundamentais para uma melhor compreensão das dinâmicas de gênero, poder e identidade na contemporaneidade. O pioneirismo na discussão das masculinidades negras torna o Professor Osmundo Pinho uma das maiores referências no país, que nos convida neste texto a uma reflexão sobre o quanto o racismo e as normas de gênero atravessam os corpos e as subjetividades dos homens negros. Osmundo Pinho compartilha sua leitura sobre as tensões políticas recentes no Brasil, abordando o papel central dos movimentos sociais na desconstrução das masculinidades hegemônicas. Com foco especial no contexto da educação, o Professor convida-nos a um debate sobre os desafios na formação de meninos, apontando para a centralidade da escola nesse processo.

¹ Doutor e pós-doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor e vice-diretor da Escola de Dança Maria Olenewa (pertencente ao Theatro Municipal do Rio de Janeiro), professor na educação básica (Rede Municipal de Duque de Caxias), professor colaborador no Programa de Pós-graduação em Ensino das Artes Cênicas (ppgeac unirio). E-mail para contato: pmelgaco@uol.com.br.

² Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPed-UERJ). Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE). Coordenador do Grupo de Estudos sobre Masculinidades e Educação (GEMasc). E-mail para contato: teofilo.leandro@gmail.com.

³ Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPed-UERJ). Professor Adjunto da Faculdade de Educação da UERJ e do ProPed/UERJ. Líder do Grupo de Pesquisa Juventude, Educação, Gênero e Sexualidade na Cibercultura (JEGESC). Bolsista do Programa de Incentivo à Produção Científica, Técnica e Artística – Prociência UERJ. E-mail para contato: junnior_2003@yahoo.com.br.

⁴ E-mails para contato: custodta@gmail.com, ungareia@gmail.com, Matheus2099@gmail.com, dinaalves@adv.oabsp.org.br, osmundopinho@ufrb.edu.br.

Nossa conversa com Osmundo Pinho é conduzida a várias mãos, contemplando questões pensadas pelos professores Doutores Paulo Melgaço da Silva Junior, Leandro Teófilo Brito e Dilton Ribeiro Couto Junior.

Paulo M. Silva Junior – Professor Osmundo Pinho, sabemos que o senhor é uma grande referência no campo de estudos sobre masculinidades e um dos percussores nas discussões sobre masculinidades negras. Como surgiu seu interesse pelo tema das masculinidades e posteriormente masculinidades negras?

Osmundo Pinho – Comecei a trabalhar com tema no âmbito de minha pesquisa de doutorado. Discutindo a Reafricanização em Salvador como uma “máquina de guerra” produtora de categorias, sujeitos, discursos, práticas, paisagens, me deparei com o fato de que essa produção se materializaria na História em formas articuladas com a produção *gendered* da sociedade e de suas contradições. Daí cheguei até a “beleza negra” como categoria “nativa”, produzida por meio da iniciativa, agência, do Bloco Afro Ilê Aiyê. E cheguei também até o “brau”, uma figura híbrida, entre a etnografia e os estigmas experimentados no cotidiano. Entre a tradição afrobaiana e as conexões globais da cultura negra da diáspora. Entre o gênero e a raça. Porque a “performance” brau seria inequivocamente uma performance da masculinidade. Anteriormente, entretanto, ainda nos anos 90 em Salvador, trabalhei em uma organização não-governamental em um projeto de prevenção para o HIV/AIDS entre aqueles identificados na epidemiologia como HSH (Homens-que-fazem-sexo-com-homens). É claro que a identificação, a subjetividade e as práticas desses HSH extrapolavam em muito a mera descrição epidemiológica. Nesse sentido também as práticas e subjetividades masculinas, e suas contradições e ambiguidades, começaram a chamar minha atenção. Principalmente a articulação sexualidade e raça.

Leandro T. Brito – Como tem percebido do debate sobre masculinidades na sociedade contemporânea?

Osmundo Pinho – Bom, difícil responder isso de modo sintético. Como em outros campos de nosso horizonte social há uma incrível proliferação e complexificação dos discursos, práticas, instituições, modos de representação etc. Essa complexidade é positiva e vejo como um amadurecimento da sociedade como um todo, de seus modos de

autorrepresentação e contestação crítica, apesar das tensões. Nas ciências sociais, há uma tradição teoria, amparada em convenções metodológicas, que tem produzido resultados muito interessantes e que refletem um acúmulo disciplinar, com as suas contradições. Notadamente aquelas ligadas a vinculação a epistemologias ocidentais. Mas há também movimentação no campo do ativismo ou abordagens mais normativas ou “clínicas”. Que pretendem produzir efeitos disciplinadores sobre masculinidades, negras, em particular, o que me parece bem menos interessante. Principalmente quando se pretende que esses efeitos conduzam a fazer convergir a experiência da masculinidade negra a modelos normativos de masculinidade de fundo patriarcal, eurocêntrico e de mercado.

Dilton C. Junior – Em sua opinião em que medida as masculinidades estão sendo tensionadas e modificadas pela atuação dos movimentos sociais (negro, feminista, LGBTI+...)? E quais as perspectivas de futuro?

Osmundo Pinho – As masculinidades sempre foram tensionadas, complexas, autocontraditórias, interseccionadas por variáveis diversas. Nunca houve uma masculinidade pura, anterior a sua estruturação material, histórica, particular, a não ser como ficção ideológica. Aliás, a rigor, e para além da esfera de influência do ocidente, deveríamos nos perguntar se as categorias de gênero e seus modos bi-polares de enunciação fazem sentido. O que ocorre é que com a democratização e complexificação da sociedade, e dos meios críticos reflexivos, as tensões e contradições da masculinidade tanto ganharam evidência na esfera pública, quanto se tornaram objeto de investimento político e/ou crítico. Dito de outra forma, a masculinidade, branca e colonial em particular, sempre foi solidaria as políticas de construção do Estado, das narrativas nacionais, e sempre compôs como elemento estruturante das formas de poder realmente existentes no mundo antinegro. A rigor, antinegitude, patriarcado e heteronormatividade sempre foram o mesmo nó estrutural, ainda que as vezes silenciado, da (re)produção do mundo em que vivemos. O ponto agora é desatar esse nó. Ou, respondendo melhor, os movimentos sociais fazem parte do mundo em que vivemos, são assim efeito e contraefeito de práticas de poder e ontologias antinegras, desse ponto de vista articulam politicamente contradições já vividas na experiência social.

Paulo M. Silva Junior – Como pensar em masculinidades em meio a política brasileira e internacional (Bolsonaro, Trump...)?

Osmundo Pinho – Como disse acima, versões idealizadas de masculinidade branca são elemento estruturante da nação moderna em sociedades capitalistas pós-coloniais. A “nova direita”, que atualiza o “velho fascismo”, se apoia e propaga versões essencialistas e normativas de masculinidade como incorporações de um ideal de sociedade e de relações sociais ordenado, estável, regressivo, hierárquico onde as propriedades imanentes que manifestam a natureza do “poder” tal qual ele é são tomadas como naturais, óbvias e desejáveis. Parece natural que o “chefe” da nação seja um homem, macho de verdade, com todas as conotações morais associadas ao termo, assim como um homem branco, herdeiro e procurador da branquidade, ou seja, civilização. Como discute por exemplo Mara Viveros. A coincidência entre a ideologia e um corpo que a encarna é ideológica (em qualquer sentido), mas por isso mesmo parece funcionar tão bem. Como sugere Bourdieu, a coincidência entre as categorias de interpretação e as categorias de estruturação fazem o mundo tal qual é parecer ser o mundo como ele deve ser. E no mundo tal qual ele é o “homem branco” sempre estará no comando. Por que não no comandando da nação?

Paulo M. Silva Junior – O tema central deste dossiê é masculinidades no contexto educacional. Dito isso, a partir de suas experiências, suas pesquisas e as pesquisas que seus orientandos estão desenvolvendo, perguntamos a você: quais os principais desafios no campo da educação para formação de meninos, sobretudo com as mudanças nas masculinidades?

Osmundo Pinho – De um lado reconhecer que as mudanças, transformações, alternativas, já estão presentes no horizonte social das quebradas, periferias, guetos, comunidades populares ou quilombolas, a escola precisa apenas reconhecer isso. De outra parte há questões que afetam a escola, mas que extrapolam o ambiente escolar, pensemos na violência territorial na periferia. Nesse caso, como em outros, a transformação a ser preparada é da sociedade como um todo. E a escola deveria ter um papel na construção dessa transformação.

Leandro T. Brito – Em que medida o campo de estudos sobre masculinidades pode contribuir ao desenvolvimento de meninos/adolescentes e suas masculinidades fora da norma (meninos gays, trans, não-binários) no contexto educacional?

Osmundo Pinho – Acho que principalmente através de práticas reflexivas e críticas que incorporem metodologias e pedagogias horizontais, não-normativas e que reconheçam formas de saber, percepção, epistemologias outras que não apenas aquelas que estão presentes na Escola. Ou no mercado. A pior coisa que pode acontecer é a imposição de categorias. Mesmo aquelas que parecem emancipatórias em um contexto geracional ou de classe, mas que podem parecer alienígenas ou excludentes em outros, como a própria categoria “gay” ou “homem”. Aliás, que significa ser um “homem humano”?

Dilton C. Junior – No campo das masculinidades negras como se articulam: meninos/adolescentes negros, classe social, escola, reprovação e a evasão escolar?

Osmundo Pinho – A pergunta é ampla e a literatura sobre o tema é vasta. Sabemos que meninos negros se saem pior, de um modo em geral, na escola, e não apenas no Brasil, mas nos Estados Unidos e em outros países da Diáspora e do continente Africano. Porque isso ocorre é o ponto. Interpretações atribuem a natureza dos ideais de masculinidade certa incompatibilidade com os princípios normativos, e na verdade, com o habitus escolar. Nesse sentido Paul Willis fala de uma contracultura escolar. Impossível desconsiderar também questões no campo da economia política ou da reprodução social desigual. Mas seria em uma economia libidinal, na própria formação das subjetividades e em suas contradições, que eu procuraria uma resposta. Na verdade, a escola, a escola pública em particular, está assentada sobre a fronteira entre a zona-do-ser e a zona-do-não-ser, nessa região limítrofe/liminar, sempre perigosa, onde a guerra colonial é mais intensa, os meninos negros são as principais vítimas.

Paulo M. Silva Junior – Para encerrar, por favor, diga algumas palavras finais, para impulsionar novas reflexões sobre a temática masculinidades no contexto educacional.

Osmundo Pinho – Acho que já aponte para isso acima também. Abertura para o entorno, para o “fora” da escola. Criatividade e experimentação radicais. Desapego contra-colonial.

Paulo M. Silva Junior, Leandro Teófilo Brito e Dilton C. Junior – muito obrigado pela atenção.

A entrevista com Osmundo Pinho explicita a centralidade das masculinidades na análise das relações sociais contemporâneas, sobretudo quando articuladas à raça e às relações de poder. Ao enfatizar que nunca houve uma masculinidade “pura” ou anterior à sua constituição histórica e material, o autor desloca a discussão para uma perspectiva crítica que desnaturaliza categorias de gênero e questiona os limites de epistemologias ocidentais. Nesse sentido, suas reflexões revelam como a masculinidade negra, em particular, é tensionada num contexto de disputas, escapando às tentativas de disciplinamento normativo que reiteram modelos patriarcais, eurocêntricos e hegemônicos.

No campo educacional, Pinho ressalta que os dilemas envolvendo meninos e adolescentes negros não podem ser compreendidos apenas pela ótica institucional, mas a partir de uma análise estrutural que abarca a violência racial, a economia política e a formação de subjetividades por meio de relações de poder. A escola, situada na fronteira entre a “zona-do-ser” e a “zona-do-não-ser”, revela-se espaço de contradições, mas também de possibilidade de práticas pedagógicas não normativas, abertas à criatividade, à experimentação e ao reconhecimento de epistemologias subalternizadas. Assim, sua contribuição constitui um chamado à elaboração de horizontes críticos que permitam pensar masculinidades de modo plural, insurgente e interseccionadas às diferenças.



Osmundo Pinho é Professor Titular no Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia. Pesquisador Associado I no Instituto de Estudos da Africa da Universidade Federal de Pernambuco, possui doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. Cumpriu estágio Pós-Doutoral como Visiting Scholar no African and African Diaspora Studies Department da Universidade do Texas em Austin. Foi Richard E. Greenleaf Fellow na Latin American Library da Universidade Tulane em Nova Orleans (jan-fev. 2020). Atuou como Program Co-Chair para o XXXVIII International Congress of the Latin American Studies Association LASA 2020 - América Latina: vinculando mundos y saberes, tejiendo esperanzas. Tem experiência em Antropologia e Estudos Culturais, com ênfase em Teoria Antropológica e em Antropologia das Populações Afro-Brasileiras e da Diáspora, atuando principalmente nos seguintes temas: relações raciais, sexualidade e gênero.